

# o mergulho



**E**ra um menino chamado José. Ou melhor, Zé. Nome simples como ele. Shortinho roto, rasgado. Sandália de dedo de segunda mão, ou segundo pé, tanto faz.

Zé tinha a praça só pra ele. Era a sua ilha. Dormia no banco, no gramado, ou aquecido no pequeno chafariz desativado. Sua ilha era isolada do mundo, e Zé recebia os visitantes e turistas, fazendo malabarismos com limões e bolas de tênis.

Vida simples. Liberdade limitada pelas grades que cercavam a sua praça.

A vida seguia o seu rumo, até que um dia, enquanto fazia a inspeção diária de seus domínios, Zé deparou com um objeto muito estranho, que nunca tinha visto antes: quadrado, chato, sem vida aparente e com umas letras grandes, totalmente sem sentido, já que o nosso Zé, como muitos outros Zés, não sabia ler.

Ele ficou olhando aquele estranho objeto de papel, pensando em qual seria a sua função. “Pra que serve este troço?”, perguntou para os botões que não tinha sobre o peito magro. O menino nem tinha ideia de que aquele objeto inerte e insosso era, na verdade, um livro.

Curioso, Zé abriu o livro, e logo na primeira página se revelou um mar azul, cheio de hieróglifos incompreensíveis. Lindo, interminável, convidativo, uma visão que o deixou extasiado.

Zé olhou para um lado, olhou para o outro e mergulhou naquela imensidão azul.

Nunca mais voltou.